

Beba da fonte

Hoje em dia, fala-se muito em mística. O que é mística? E como entendê-la na cultura atual de pluralidade religiosa e teológica e do diálogo inter-religioso? “[...] as experiências místicas das diferentes tradições religiosas continuam sendo experiências de comunhão com Deus e de conhecimento de Deus por experimentação.” E qual é a característica da experiência mística no cristianismo? “[...] é a experiência de um Deus encarnado. Fora deste dado central e absolutamente necessário, não há cristianismo.” Significa que jamais encontraremos a comunhão com Deus e o amor e o conhecimento de Deus fora da realidade, fora de nossos relacionamentos, fora das experiências, prazerosas e dolorosas, de nossa vida pessoal e social, fora de nossas lutas por uma sociedade de iguais, respeitosa da variedade de pessoas, povos e culturas. Mesmo tendo experiências de Deus comuns ou semelhantes com as de outras tradições, nossa referência principal, como cristãos, será sempre Jesus Cristo. É por meio dele que somos mergulhados na comunhão da Santíssima Trindade, no mistério de Deus, ao mesmo íntimo e insondável, inefável, infinito.

E qual é o lugar da liturgia nesta mística? É na assembleia litúrgica que nos encontramos, mística e comunitariamente, com o Cristo Ressuscitado que nos faz passar com ele da morte para a vida, da escravidão para a liberdade, do apego a nós mesmos para o transbordamento do amor. Ele nos faz juntos e juntas mergulhar no âmago da realidade, intuir o coração da vida, o mistério insondável, inexprimível, presença viva do Deus-Amor no lusco-fusco de nossas buscas e experiências. E nos envia em missão, a serviço do Reino no mundo. Por isso, em toda a trajetória do Povo de Deus da antiga Aliança, a mística ou espiritualidade está sempre ligada às assembleias, solenes ou cotidianas, que o povo faz, atendendo à convocação de seu Deus para encontrar-se com ele, ouvir sua Palavra e colocá-la em prática, comprometer-se com seu projeto. O povo chora suas dores, implora ajuda, festeja as vitórias, pede perdão, celebra a Aliança e sai fortalecido na fé no Deus Libertador. Mas há momentos também em que as liturgias merecem as críticas dos profetas, por não estarem ligadas à realidade do povo, por não engajarem o povo na luta, por não reforçarem o projeto da Aliança de Deus. As comunidades da nova Aliança reúnem-se para fazer memória de Jesus (anamnese), invocando a ação do Espírito Santo sobre a comunidade (epiclese). A partir daí, profundamente unidos a Jesus, o Crucificado-Ressuscitado, vivendo e crescendo em sua intimidade, os cristãos se tornam testemunhas vivas do Cristo; anunciam e propagam a Boa-Nova do Reino de Deus. Os escritos do Novo Testamento nos oferecem indicações preciosas sobre estas reuniões litúrgicas do novo Povo de Deus que eram como o coração de sua vida e missão.

E hoje? Como fazer celebrações verdadeiras, autênticas, orantes, proféticas, ligadas à vida e à luta dos pobres, em continuidade com a tradição genuína do Povo de Deus? Como fazer para que alimentem nossa espiritualidade, nossa mística, nossa ligação com o Deus da Aliança, o Deus dos pobres, nosso seguimento de Jesus? Como redescobrir a liturgia como fonte de nossa espiritualidade cristã, de nossa mística? De fato, muitas vezes a espiritualidade e a liturgia caminham separadas em nossa vida. Isso tem uma explicação histórica: durante séculos, a liturgia ficou confinada nas mãos do clero, era celebrada em latim, com ritos estranhos à cultura dos povos que iam sendo “evangelizados”. O povo, impedido de participar da liturgia, foi criando outras formas para expressar seu amor a Deus e sua devoção, como: procissões, terço, via-sacra, danças, folias, congadas... Ao longo dos tempos, foi surgindo uma série de “espiritualidades”, a maior parte delas sem ligação com a liturgia.

No início do século XX, o movimento litúrgico, bíblico e ecumênico foi abrindo espaços e colocando as bases para que, pouco a pouco, o Povo de Deus fosse tomando consciência de sua missão de povo sacerdotal ao celebrar a memória de Jesus Cristo, cantar os louvores de Deus e interceder pelo mundo inteiro, na ardorosa expectativa da vinda do Reino de Deus entre nós. A abertura para as liturgias celebradas na língua do povo, na linguagem poética, musical e gestual própria de cada cultura, com o resgate de expressões da piedade popular, torna possível que o povo volte a beber da liturgia como “primeira e necessária fonte do espírito verdadeiramente cristão” (SC, n. 14).

O livro *Beba da fonte: mística e liturgia*, publicado por Paulinas Editora, procura ajudar na retomada deste caminho místico que tem a liturgia como fonte e ápice. Parte da experiência das comunidades cristãs primitivas, relatada nos Atos dos Apóstolos. Aponta para a atitude mística inerente à assembleia litúrgica, à liturgia da Palavra, à oração litúrgica, ao silêncio, aos gestos e ações rituais, ao tempo litúrgico. E, no final, sintetiza os desafios que nos esperam ao voltar à liturgia como fonte da mística.

Após cada capítulo, os leitores encontrarão: 1) perguntas para trocar idéias; 2) indicação de textos bíblicos ou litúrgicos para meditar (vejam no anexo uma breve introdução ao método da leitura orante); 3) sugestão para uma vivência relacionada com o assunto tratado. Dessa forma, o livro poderá ser útil não somente para as equipes de liturgia e todas as pessoas envolvidas na pastoral litúrgica, mas também para os encontros catequéticos, de aprofundamento da fé e da espiritualidade. Poderá trazer, ainda, inspiração para retiros baseados na liturgia.

Ione Buyst